Comunicação e Sociedade, vol. 50, 2026, e026024
https://doi.org/10.17231/comsoc.50(2026).7179

Diplomacia Ruidosa: Comunicação, Conflito e Reputação Internacional Durante a Presidência de Trump

Alexandre Duarte
Instituto de Comunicação da NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal
Concetualização, análise formal, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

Ana Filipa Joaquim
Instituto Português de Relações Internacionais, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal/ Universidade Politécnica de Portalegre, Portalegre, Portugal
Concetualização, análise formal, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

Alda Telles
Instituto de Comunicação da NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal
Concetualização, análise formal, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

Resumo

Este artigo explora de que modo a comunicação populista centrada no conflito e a diplomacia pública confrontacional, durante a segunda presidência de Donald Trump, influenciam as perceções internacionais sobre os Estados Unidos e, consequentemente, a reputação do país. Embora a investigação sobre política externa populista indique que a personalização e a retórica antagonista podem perturbar a gestão das alianças e aumentar o risco de conflitos internacionais, existe menos evidência sistemática sobre a forma como estas estratégias de comunicação afetam a reputação dos Estados Unidos junto de públicos estrangeiros de países aliados. O presente estudo procura colmatar esta lacuna, analisando as perceções sobre os Estados Unidos entre inquiridos do público geral português e uma amostra de profissionais/especialistas durante o segundo mandato de Trump. Com base em dois inquéritos originais realizados em Portugal entre setembro e novembro de 2025 — um inquérito online a 559 residentes adultos e uma amostra intencional de 106 profissionais/especialistas de áreas de diplomacia, defesa, academia, jornalismo e negócios —, esta investigação conclui que a retórica populista orientada para o conflito e as ações diplomáticas personalizadas contribuem para flutuações reputacionais, mais do que para um declínio absoluto. As avaliações negativas em ambas as amostras incidem sobretudo no estilo pessoal e nos métodos de comunicação de Trump, originando um efeito de transbordamento reputacional centrado no líder, que diminui as perceções de previsibilidade, confiança nos procedimentos, legitimidade democrática e autoridade moral dos Estados Unidos. Contudo, muitos inquiridos distinguem Trump, enquanto indivíduo, da sociedade e da cultura norte-americanas, o que indica que o poder brando (*soft power*) pode persistir mesmo perante uma forte desaprovação política. Os resultados revelam também lógicas de avaliação distintas entre públicos: os profissionais/especialistas atribuem maior importância à fiabilidade institucional e à estabilidade das alianças, enquanto os respondentes da amostra do público salientam mais frequentemente a responsabilidade moral, a integridade democrática e as preocupações humanitárias. O artigo conclui que o conflito simbólico inerente à comunicação e à liderança populistas ultrapassa as palavras. Produz efeitos tangíveis na confiança, no poder brando e na influência internacional, evidenciando a natureza delicada da posição global dos Estados Unidos.

Palavras-chave
populismo, comunicação e conflito, diplomacia pública, reputação, Trump

Noisy Diplomacy: Communication, Conflict, and International Reputation Under Trump's Presidency

Abstract

This article explores how conflict-centered populist communication and confrontational public diplomacy during Donald Trump's second presidency influence international perceptions of the United States and, consequently, the country's global reputation. While research on populist foreign policy indicates that personalization and antagonistic rhetoric can disrupt alliance management and increase the risk of international disputes, there is less systematic evidence available on how these communication strategies affect the reputation of the United States among allied foreign audiences. This study addresses that gap by analyzing perceptions of the United States among Portuguese public respondents and a professional/expert sample during Trump's second term. Using two original surveys conducted in Portugal between September and November 2025 — an online survey of 559 adult residents and a purposively recruited professional/expert sample of 106 respondents in diplomacy, defense, academia, journalism, and business — the article finds that conflict-driven populist rhetoric and personalized diplomatic actions contribute to fluctuations in reputation rather than outright decline. Negative evaluations in both samples focus primarily on Trump's personal style and communication methods, leading to leader-specific reputational spillover that diminishes perceptions of the United States' predictability, procedural trust, democratic legitimacy, and moral authority. However, many respondents distinguish between Trump as an individual and American society and culture, indicating that soft power can endure even amidst strong political disapproval. The findings also reveal different evaluative logic among audiences: professional/expert respondents place greater emphasis on institutional reliability and alliance stability, whereas public-sample respondents more frequently emphasize moral responsibility, democratic integrity, and humanitarian concerns. The article concludes that the symbolic conflict embedded in populist communication and leadership extends beyond words alone. It has tangible effects on trust, soft power, and international influence, highlighting the delicate nature of the United States' global standing.

Keywords
populism, communication and conflict, public diplomacy, reputation, Trump

1. Introdução

O conflito ocupa um lugar central na comunicação populista. Os líderes populistas ativam situações de crise permanente, hostilidade emocional e narrativas de ameaça exagerada (Moffitt, 2015; Nai & Martínez i Coma, 2019; Zarubin, 2023). A negatividade e os apelos ao medo utilizados durante as campanhas prolongam-se durante o exercício do poder, transformando a comunicação de política externa numa representação contínua. Este tipo de retórica orientada para o conflito aumenta as perceções de instabilidade e reforça as visões moralizadas das questões internacionais.

A ascensão da liderança populista alterou a forma como os países democráticos conduzem e percecionam a política externa. Ao contrário da diplomacia tradicional, gerida burocraticamente, os líderes populistas tendem a personalizar as relações internacionais, mobilizar os públicos internos através de narrativas antagonistas e apresentar a política global como uma batalha moral entre "o povo" e elites hostis ou atores externos (Mudde & Kaltwasser, 2017). Tem sido demonstrado que estas tendências aumentam a instabilidade da política externa e, em alguns casos, provocam conflitos internacionais.

A presidência de Donald Trump constitui um caso paradigmático de política externa populista. A sua doutrina "a América em primeiro lugar", a retórica antagonista dirigida às instituições multilaterais e a dependência de uma diplomacia direta nas redes sociais desafiaram as expectativas estabelecidas quanto à conduta internacional dos Estados Unidos (Duarte et al., 2026). Embora a investigação tenha documentado os efeitos destas práticas na dinâmica das alianças e no comportamento em situações de disputa, existe menos evidência sistemática sobre a forma como transformam as perceções externas dos Estados Unidos, em particular nas sociedades aliadas.

Este artigo analisa de que modo o conflito inerente à comunicação populista e à diplomacia pública confrontacional afetou as perceções dos Estados Unidos entre inquiridos do público geral português e inquiridos profissionais/especialistas. Portugal constitui um caso de análise particularmente relevante: é um aliado historicamente pró-americano, integrado na Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e na União Europeia, e, portanto, onde as alterações à reputação dos Estados Unidos são especialmente visíveis.

Este artigo procura responder a três questões de investigação (QI):

- QI1: como avaliam os inquiridos do público em geral e os profissionais/especialistas a liderança dos Estados Unidos no contexto da comunicação populista de Trump, centrada no conflito?
- QI2: como percecionam os inquiridos a fiabilidade dos Estados Unidos e o seu compromisso multilateral durante a segunda presidência de Trump?
- QI3: de que modo diferem estas avaliações entre os inquiridos do público e os profissionais/especialistas?

Empiricamente, o artigo baseia-se num inquérito à população portuguesa e num inquérito a profissionais/especialistas, realizados durante a segunda presidência de Donald Trump, cujos resultados, integralmente codificados, constituem a principal fonte de análise deste estudo.

O artigo está organizado da seguinte forma: a primeira secção desenvolve o enquadramento teórico que relaciona a comunicação populista, as narrativas de conflito, a perturbação diplomática e a reputação nacional. A secção seguinte apresenta a metodologia. A terceira secção expõe os resultados dos inquéritos e a última discute as implicações para as teorias da política externa populista e da política reputacional.

2. Enquadramento Teórico

2.1. A Comunicação Populista Centrada no Conflito Como Modalidade de Representação Política

A comunicação política contemporânea é influenciada pela mediatização, personalização e emocionalização (Block & Negrine, 2017; Bonansinga, 2020; Sorensen, 2021; Wirz, 2018). As lógicas dos média privilegiam a visibilidade, a dramatização e o conflito, incentivando os atores políticos a enquadrar a competição através de narrativas antagonistas, em vez de recorrerem à troca deliberativa de argumentos (Esser & Matthes, 2013; Reinemann et al., 2017). O populismo constitui um estilo de comunicação particularmente

compatível com este contexto. Apresenta a política como uma luta moral entre um "povo" virtuoso e elites corruptas ou atores externos ameaçadores, sustentada por narrativas de crise, apelos ao medo e polarização emocional (Jagers & Walgrave, 2007; Moffitt, 2015; Moffitt & Tormey, 2014; Mudde, 2007; Nai, 2021; Reinemann et al., 2017).

Sorensen (2021) caracteriza a comunicação populista como intrinsecamente conflituosa, uma vez que os populistas constroem a realidade política através de uma narrativa simplificada de crise, com antagonistas claros e em que estão em causa valores morais, explorando esse antagonismo para captar a atenção e obter legitimidade. O "drama populista" é apresentado como uma disputa direta e emocionalmente intensa pela voz e pelo reconhecimento, em vez de um debate tecnocrático sobre políticas públicas. Neste sentido, o conflito não é incidental, mas constitutivo: é o mecanismo comunicativo através do qual os populistas dramatizam a representação, reivindicam autenticidade e tornam convincente para os públicos a sua interpretação da realidade. Trata-se de uma "modalidade de representação política" em que o conflito populista é encenado através de atos disruptivos e autorreflexivos, que expõem publicamente o poder e as suas regras como ilegítimos, ao mesmo tempo que representam uma proximidade com as "pessoas comuns". Concetualmente, isto envolve uma sequência performativa na qual os populistas: (a) exibem confronto/exposição, desafiando simbolicamente o poder social ao destacar as normas e os comportamentos que sustentam a autoridade das elites, e (b) representam a ordinariedade/mimese para fundamentar a sua própria legitimidade democrática na identificação com "o povo". O efeito global consiste em formular uma reivindicação de representação que procura a desintermediação: uma ligação mais direta entre povo e poder, alcançada através do espetáculo, da sinalização de autenticidade e da escalada visível do conflito com os atores institucionais.

Esta perspetiva do conflito baseada na representação performativa enquadra-se na diplomacia pública e nas relações externas, uma vez que a procura contemporânea de influência é mediada por ecologias informacionais híbridas (Chadwick, 2013; Mattoni & Ceccobelli, 2018). Os investigadores defendem que o próprio populismo se torna híbrido: ideologicamente pouco denso, mas adaptado, do ponto de vista tecnológico, estilístico e organizacional, a esta ecologia mediática (Blassnig et al., 2018; Mattoni & Ceccobelli, 2018; Sorensen, 2021). As representações carregadas de conflito são particularmente legíveis e podem circular através dos média e das plataformas transnacionais (Maly, 2019), permitindo aos líderes converter a política externa num espetáculo moralizado que circula numa esfera digital "sem fronteiras". Em termos de diplomacia pública, as representações disruptivas funcionam simultaneamente como narrativas estratégicas (soberania, autenticidade, identidade anti-elite) e como dispositivos de sinalização dirigidos aos públicos internos e estrangeiros. Isto ajuda a explicar por que razão a comunicação populista centrada no conflito pode funcionar como uma forma duradoura de diplomacia performativa: organiza ideologicamente o discurso ("o povo" contra as elites nacionais e internacionais) e é estruturalmente compatível com as dinâmicas de atenção através das quais se formam atualmente as reputações internacionais e os enquadramentos das políticas.

Quando chegam ao governo, os populistas não abandonam a comunicação própria das campanhas; esta persiste como modalidade de governação. A comunicação política

transforma-se numa representação contínua do conflito, na qual a legitimação interna é procurada através do confronto simbólico, tanto no plano interno como no externo. Consequentemente, a comunicação de política externa torna-se cada vez mais orientada para os públicos, emocionalmente carregada e encenada em público, em vez de ser mediada institucionalmente.

2.2. Da Comunicação Populista à Diplomacia Personalizada e Confrontacional

A política externa populista reconfigura a diplomacia, ao politizar as relações externas em benefício da legitimação interna e ao reenquadrar a política internacional através de antagonismos baseados na identidade (Destradi et al., 2022; Wajner & Giurlando, 2023). No exercício do poder, os líderes populistas apresentam-se frequentemente como defensores "do povo" contra elites corruptas e, ao fazê-lo, demonstram desconfiança em relação aos diplomatas profissionais e concentram a autoridade diplomática no poder executivo. Esta desintermediação institucional privilegia uma comunicação direta e altamente personalizada, muitas vezes amplificada pelas lógicas dos média, e reduz o papel dos diplomatas de carreira na definição da agenda, na preparação das negociações e na implementação das decisões.

Esta dinâmica reflete-se no que a investigação recente designa por "diplomacia de campeão" (*champion diplomacy*): uma conduta diplomática centrada nos média, de elevada visibilidade e que desafia as normas, na qual os líderes privilegiam encontros bilaterais e atuações públicas em detrimento da coordenação tecnocrática e do compromisso negociado (Eiran et al., 2025). Os líderes populistas podem adotar deliberadamente um estilo "comum" — retórica contundente e comportamentos demonstrativos que se afastam das convenções diplomáticas — e recorrer a formas de contacto direto e emocionalmente carregadas (incluindo as redes sociais), em vez dos canais diplomáticos convencionais (Sorensen, 2021). A conduta diplomática torna-se, assim, uma modalidade de mobilização interna, que pode reforçar as perceções externas de volatilidade (Visnovitz & Jenne, 2021).

A extensão da comunicação populista à política externa tem consequências importantes para a credibilidade e estabilidade das relações diplomáticas. Uma vez que a fiabilidade diplomática depende não apenas do poder material, mas também da consistência e da confiança nos procedimentos, uma diplomacia confrontacional e personalizada pode corroer a previsibilidade em que os públicos externos e os parceiros se apoiam. Quando os líderes instrumentalizam fortemente a política externa para fins de mobilização interna e, simultaneamente, personalizam a tomada de decisão, a investigação identifica um aumento da volatilidade e, em alguns casos, uma escalada dos conflitos internacionais (Destradi & Plagemann, 2024). A evidência relativa à comunicação de política externa de Trump demonstra igualmente como a retórica populista pode deslegitimar a mediação especializada, produzir enquadramentos simplificados de amigo–inimigo e gerar dissonância de papéis, contribuindo para a imprevisibilidade do comportamento externo (Lacatus, 2021; Wehner, 2023).

Em conjunto, estas dinâmicas sugerem que o populismo no poder pode comprometer princípios fundamentais da diplomacia pública, ao privilegiar a provocação em

detrimento do diálogo e os ganhos simbólicos de curto prazo em detrimento da consistência estratégica. Como defendem Wajner e Giurlando (2023), a política externa populista tende a instrumentalizar a arena internacional como palco de legitimação interna, reconfigurando alianças, discursos e prioridades através de lógicas identitárias e eleitorais. Isto tem implicações diretas para a reputação internacional e para os ciclos de instabilidade comunicativa nas relações externas.

2.3. Diplomacia, Poder Brando, *Branding* Político e Reputação Internacional

Os conceitos de "poder brando" (*soft power*) e de "construção de marca política" são essenciais para compreender como os Estados cultivam e comunicam as suas reputações a nível internacional. Esta questão é particularmente relevante em contextos de liderança populista que esbatem as fronteiras tradicionais entre diplomacia, representação mediática e construção de marca pessoal. À medida que a política global funciona cada vez mais através de narrativas mediadas e de competição simbólica, as nações dependem não apenas das suas capacidades materiais, mas também da capacidade de atrair, persuadir e influenciar públicos estrangeiros (Duarte, 2014; Nye, 2019; Roselle et al., 2014). Neste contexto, a análise do poder brando é crucial para esclarecer de que modo a estrutura do processo comunicativo molda padrões mais amplos de influência simbólica e de mudança reputacional na política internacional contemporânea.

Nye (2019) define "poder brando" como a capacidade de atrair e persuadir através do apelo cultural, dos valores políticos e da legitimidade percecionada da política externa. Contudo, o poder brando não é um recurso fixo ou estático; trata-se, antes, de uma construção dinâmica, mediada por narrativas estratégicas, atuações diplomáticas, visibilidade mediática e envolvimento dos públicos (Roselle et al., 2014). Ou seja, nesta nova reconcetualização do poder, a atenção analítica desloca-se das capacidades coercivas para as dimensões simbólicas e comunicativas dos assuntos globais. Num ambiente de comunicação cada vez mais competitivo, os Estados funcionam também como autênticas marcas, cujas identidades são continuamente avaliadas e comparadas. Anholt (2007, 2011) concetualiza a "reputação nacional" como uma forma de "identidade competitiva", moldada pela governação, cultura, população, conduta em política externa e contributos globais.

Deste modo, a construção de uma marca política torna-se um mecanismo indispensável através do qual os Estados se organizam estrategicamente e projetam significados sobre si próprios. Num ecossistema digital marcado pela sobrecarga de informação e por fluxos transnacionais rápidos, o *branding* influencia fortemente a forma como os Estados são percecionados em termos económicos, políticos e morais, traduzindo identidades nacionais complexas em sinais simbólicos acessíveis, que encontram ressonância além-fronteiras (Anholt & Hildreth, 2010).

A presidência de Donald Trump exemplifica a forma como a convergência entre poder brando e *branding* político se torna particularmente acentuada em contextos populistas. O seu estilo de liderança, centrado na personalização, no antagonismo e numa atuação mediática de elevada visibilidade, colocou a sua figura no centro da imagem global

dos Estados Unidos (Street, 2019). Esta fusão entre marca pessoal e representação nacional aumentou a vulnerabilidade da marca dos Estados Unidos à volatilidade reputacional, em particular junto de aliados habituados à previsibilidade e à consistência multilateral.

2.4. Política Externa Centrada no Líder e Transbordamento Reputacional

A personalização da diplomacia sob uma liderança populista tem implicações diretas para a reputação nacional. Como vimos, a reputação de um país assenta em expectativas acumuladas de fiabilidade, consistência e credibilidade normativa na sua conduta internacional. Contudo, quando a política externa é visivelmente conduzida pelo líder, os públicos externos avaliam cada vez mais os Estados através da atuação comunicativa e do caráter percecionado dos líderes individuais, em vez de se basearem na continuidade institucional (Kertzer & Renshon, 2022).

Este processo produz um transbordamento reputacional específico do líder. Quando os líderes adotam uma comunicação errática, confrontacional ou que rompe com as normas, os observadores externos reavaliam não apenas a credibilidade do líder, mas também a fiabilidade global do Estado. A fusão entre a marca política pessoal e a imagem nacional, no contexto de uma liderança altamente mediatizada, intensifica este processo, tornando a reputação nacional mais volátil e dependente do comportamento individual (von Sikorski, 2022).

A personalização da política externa durante a segunda presidência de Trump esbateu a distinção entre os Estados Unidos institucional e Trump enquanto marca, ampliando a volatilidade reputacional e polarizando a opinião global (Street, 2019). Von Sikorski (2022) demonstra que as reações negativas à retórica de Trump nos média europeus produziram um declínio mais amplo das perceções dos Estados Unidos, ilustrando como os líderes políticos atuam como principais embaixadores das marcas nacionais e como o seu comportamento molda diretamente o capital simbólico dos Estados que representam.

2.5. Relação Entre Comunicação Populista de Conflito e Perceções Externas

A literatura analisada aponta para uma sequência causal relevante para o presente estudo. A comunicação populista centrada no conflito sustenta narrativas de crise permanente e antagonismo emocional. Quando se estende à política externa, produz uma conduta diplomática personalizada e confrontacional, que contorna a mediação institucional. Por sua vez, isto altera a forma como os públicos externos avaliam a previsibilidade, a legitimidade normativa e a fiabilidade do Estado enquanto aliado, com consequências diretas para a imagem e a reputação do país.

A convergência da literatura acima analisada fundamenta a principal expectativa analítica deste estudo: a comunicação populista centrada no conflito e a diplomacia pública confrontacional aumentam a volatilidade reputacional ao comprometerem as perceções externas de fiabilidade, credibilidade democrática e autoridade moral.

Esta associação deverá ser observável entre inquiridos do público e profissionais/especialistas de países aliados, onde a confiança historicamente elevada na liderança dos Estados Unidos torna mais visíveis as perturbações reputacionais.

3. Metodologia

O estudo utiliza um desenho de inquérito transversal comparativo, centrado nas avaliações reputacionais percecionadas, para analisar a forma como os públicos estrangeiros recebem e interpretam a atuação da política externa populista, neste caso, o segundo mandato de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos da América. Em vez de avaliar resultados políticos concretos, a análise centra-se nas perceções externas enquanto consequência das ações de comunicação e indicadores dos efeitos reputacionais.

Os dados empíricos consistem em dois inquéritos realizados em Portugal entre 24 de setembro e 22 de novembro de 2025. Incluem um inquérito à população em geral e um inquérito a profissionais/especialistas de áreas como a diplomacia, a academia, o jornalismo e o empreendedorismo, entre outras. Ambos os instrumentos avaliam as perceções de confiança na liderança internacional de Donald Trump, as avaliações da credibilidade democrática e moral dos Estados Unidos, a fiabilidade percecionada dos Estados Unidos enquanto aliado e as mudanças percecionadas na reputação internacional do país.

Em conjunto, estes dados oferecem perspetivas complementares sobre a forma como os públicos externos percecionaram a atuação comunicativa e diplomática da presidência de Trump. Ambos os instrumentos foram concebidos para operacionalizar as consequências reputacionais da comunicação populista de conflito, avaliando a credibilidade internacional, a legitimidade democrática, a autoridade moral e a fiabilidade das alianças.

3.1. Procedimento Analítico

O inquérito à população foi administrado online, através do Google Forms, recorrendo a uma amostragem não probabilística por conveniência e segundo a técnica de bola de neve. Os participantes foram recrutados através de plataformas de redes sociais, incluindo WhatsApp, LinkedIn, Facebook e Instagram, bem como através de redes profissionais e pessoais, via email. Os critérios de elegibilidade exigiam que os participantes tivessem 18 ou mais anos, residissem em Portugal e prestassem consentimento informado antes de aceder ao questionário. Foram excluídas as respostas de indivíduos com menos de 18 anos, que não residissem em Portugal ou que não tivessem prestado consentimento informado. Após a aplicação destes critérios, foram identificadas 559 respostas válidas para análise. O questionário combinava itens estruturados com perguntas abertas destinadas a medir a confiança na liderança internacional de Donald Trump, as perceções sobre a democracia nos Estados Unidos, as avaliações dos Estados Unidos enquanto ator liberal e multilateral e a avaliação global do país e da sua população. Os itens de escala de Likert foram agregados em índices compostos que captam a confiança específica no líder, a imagem do país e a fiabilidade internacional percecionada. As respostas abertas foram codificadas tematicamente, de modo a identificar os principais enquadramentos interpretativos através dos quais os respondentes avaliaram a conduta dos Estados Unidos durante a presidência de Trump.

A amostra de profissionais/especialistas foi recrutada através de uma amostragem intencional. Os potenciais participantes foram contactados diretamente através de redes profissionais e pessoais e por convite enviado através de email. Os critérios de inclusão

consideraram a experiência profissional atual ou anterior dos respondentes em áreas diretamente ou indiretamente relacionadas com os assuntos internacionais, as políticas públicas, a comunicação política, a tomada de decisão institucional, a academia, os média, a diplomacia, a segurança, os negócios, a gestão e domínios culturais ou sociais afins. Os inquiridos foram posteriormente organizados em quatro categorias agregadas para efeitos analíticos, com base nas áreas profissionais que indicaram, conforme apresentado na Tabela 1. Este procedimento de recrutamento permitiu obter 106 respostas válidas. Dada a diversidade ocupacional dos participantes, o grupo é tratado como uma amostra heterogénea de profissionais/especialistas e não como uma elite sociológica ou política homogénea.

Categoria profissional/especializada	Áreas profissionais declaradas	n	%
Profissionais das áreas epistémica, académica e dos média	Academia (46); comentário e análise (3); jornalismo (2); educação (1); televisão (1)	53	50,0
Profissionais das áreas político-institucional, diplomática e da segurança	Administração pública (1); direito (1); defesa (1); diplomacia (3); formulação de políticas (1); função pública (1); política (1); setor público (1)	10	9,4
Profissionais das áreas económica, empresarial e de gestão	Banca (1); negócios (28); engenharia (1); logística (1); comércio a retalho (1); serviços de tecnologia de informação/ recursos humanos (1); turismo (1); turismo e hotelaria (1)	35	33,0
Profissionais das áreas cultural, social e de outras áreas	Artes (1); arquitetura (1); design (1); psicologia (2); saúde (1); teatro (1); outras (1)	8	7,5
Total		106	100,0

Tabela 1. *Composição da amostra de respondentes profissionais/especialistas por área profissional (*N = *106)*

Nota. As categorias foram agregadas analiticamente de acordo com as áreas profissionais atuais ou anteriores indicadas pelos próprios respondentes. Um respondente declarou estar desempregado no momento da recolha de dados. As percentagens podem não totalizar exatamente 100% devido ao arredondamento.

O questionário reproduziu de perto a estrutura do inquérito à população, de modo a assegurar a comparabilidade das principais dimensões percetivas. Os respondentes profissionais/especialistas avaliaram a liderança internacional de Trump, a fiabilidade dos Estados Unidos enquanto aliado, o seu compromisso com as normas liberais e multilaterais e a mudança reputacional percecionada durante a administração Trump. As respostas abertas foram codificadas qualitativamente para captar variações associadas à área profissional, ao género e à experiência internacional.

O esquema completo de codificação qualitativa e as matrizes de respostas categorizadas estão documentados no ficheiro de resultados empíricos e constituem a principal fonte de dados deste estudo. A codificação incidiu sobre cinco dimensões reputacionais: credibilidade democrática e institucional; direitos humanos e liderança moral; fiabilidade multilateral e diplomática; segurança e estabilidade das alianças; e previsibilidade económica e comercial. O quadro permite uma comparação sistemática entre as avaliações do público e dos profissionais/especialistas e ajuda a identificar lógicas interpretativas convergentes e divergentes.

3.2. Lógica Analítica e Operacionalização das Questões de Investigação

A estratégia analítica segue uma lógica comparativa e interpretativa, concebida para identificar a forma como os públicos externos recebem e processam a comunicação populista centrada no conflito e a diplomacia pública confrontacional.

As perceções são tratadas não como reflexos secundários dos resultados das políticas, mas como indicadores empíricos primários do impacto reputacional, em consonância com as abordagens teóricas que concetualizam a política externa populista como operando performativamente através da comunicação, do enquadramento emocional e da perturbação simbólica das normas diplomáticas.

A análise desenvolve-se em três etapas inter-relacionadas. Em primeiro lugar, são examinadas as respostas codificadas de cada conjunto de dados para identificar os temas de avaliação dominantes. As respostas são organizadas em categorias temáticas correspondentes às cinco dimensões reputacionais, revelando como os inquiridos do público e os profissionais/especialistas descrevem os Estados Unidos sob a presidência de Trump em termos de democracia, moralidade, fiabilidade institucional e comportamento enquanto aliado. Em segundo lugar, as respostas são comparadas sistematicamente em função de variáveis sociais e profissionais, em particular o género, a experiência internacional e a área ocupacional, para avaliar variações na profundidade interpretativa e na ênfase normativa. Em terceiro lugar, os conjuntos de dados do público e dos profissionais/especialistas são confrontados, de modo a identificar convergências e divergências na atribuição de responsabilidade reputacional, especificamente no que respeita a saber se as avaliações negativas são dirigidas sobretudo a Trump, enquanto líder individual, ou se são alargadas aos Estados Unidos enquanto país.

Através deste desenho, o estudo operacionaliza diretamente a sua questão central de investigação: de que modo os conflitos inerentes à comunicação populista e à diplomacia pública confrontacional moldam as perceções dos inquiridos do público e dos profissionais/especialistas?

Se a comunicação de política externa populista opera através do antagonismo, da narrativa de crise e da diplomacia personalizada, as suas consequências reputacionais deverão ser observáveis em perceções externas de instabilidade, redução da confiança e enfraquecimento da autoridade moral. Os inquéritos realizados em Portugal proporcionam um contexto empírico para examinar estas associações percecionadas nas duas amostras, distinguindo entre a receção moral e emocional ao nível da população e a avaliação estratégico-institucional do grupo de profissionais/especialistas.

Assim, o desenho metodológico capta não apenas se ocorreu uma perturbação reputacional, mas também de que modo diferentes públicos interpretam cognitiva e normativamente os mesmos sinais comunicativos e diplomáticos. Deste modo, fornece evidência comparativa sobre as associações percecionadas entre as teorias da comunicação populista de conflito, da diplomacia confrontacional e da reputação do país.

Ambos os inquéritos recorreram a estratégias de amostragem não probabilística. Consequentemente, a amostra de inquiridos do público em geral não deve ser interpretada como estatisticamente representativa da população portuguesa, nem a amostra de profissionais/especialistas deve ser considerada representativa das comunidades profissionais portuguesas. A comparação entre as duas amostras é, por isso, analítica e

interpretativa e não baseada na representatividade populacional. Os resultados identificam padrões recorrentes nas respostas recolhidas, mas não podem ser generalizados estatisticamente à população portuguesa.

4. Resultados: Perceções Portuguesas dos Estados Unidos Sob a Liderança de Trump

Esta secção apresenta os resultados empíricos dos inquéritos realizados em Portugal junto da população geral e de profissionais/especialistas. A análise examina de que modo a comunicação populista centrada no conflito e a diplomacia pública confrontacional de Donald Trump se associaram às avaliações dos inquiridos sobre a credibilidade, a autoridade moral e a fiabilidade internacional dos Estados Unidos. Os resultados apresentam o conjunto de dados qualitativos integralmente codificado e as matrizes de categorias que constituem a base empírica deste estudo. As conclusões estão organizadas em três subsecções: perceções dos profissionais e especialistas, perceções dos inquiridos portugueses do público em geral e uma síntese comparativa que aborda o transbordamento reputacional do líder para o país.

4.1. Perceções dos Profissionais e Especialistas: Perturbação Reputacional Institucional e Estratégica

Nas diferentes áreas profissionais representadas na amostra, os inquiridos revelam uma avaliação amplamente convergente de que a presidência de Donald Trump provocou uma deterioração acentuada da reputação internacional dos Estados Unidos. Este diagnóstico comum não implica uniformidade interpretativa. Embora os inquiridos concordem, em larga medida, quanto ao sentido da mudança reputacional, as explicações subjacentes variam sistematicamente em função da área profissional, da profundidade da experiência internacional e dos enquadramentos interpretativos associados ao género. Esta diferenciação interna oferece perspetivas analiticamente relevantes sobre a forma como distintas comunidades epistémicas processam e atribuem significado aos sinais produzidos pela diplomacia populista centrada no conflito.

Os profissionais das áreas de diplomacia e de defesa formulam as críticas mais fundamentadas institucionalmente e orientadas para a estratégia (ver Apêndice, Tabela A1). As suas avaliações enquadram consistentemente a comunicação de política externa de Trump como um desafio desestabilizador aos fundamentos da Aliança Transatlântica. As referências ao "descrédito da Aliança Atlântica" e aos Estados Unidos como "um parceiro imprevisível" repetem-se nas respostas abertas, associando a retórica confrontacional dirigida aos aliados da NATO, o questionamento público dos compromissos de defesa coletiva e a preferência por negociações bilaterais transacionais a uma perceção de erosão da confiança estratégica. Entre os inquiridos com vasta experiência internacional, estas perceções integram narrativas causais explícitas que relacionam o antagonismo diplomático público com a fragilidade das alianças, a incerteza quanto à dissuasão e o aumento da vulnerabilidade da segurança europeia. Os danos reputacionais são, por isso, interpretados não apenas como uma perda simbólica, mas como um risco material que afeta a fiabilidade institucional e a estabilidade estratégica.

Neste mesmo domínio profissional, emergem alguns padrões interpretativos associados ao género. Embora estes padrões resultem de respostas qualitativas, e não de diferenças demonstradas estatisticamente, as inquiridas tendem a salientar as implicações éticas e democráticas do enfraquecimento transatlântico, enquadrando a autonomia estratégica europeia simultaneamente como uma necessidade de segurança e uma salvaguarda normativa dos valores liberais. Os inquiridos do género masculino partilham as preocupações com a erosão da NATO e a imprevisibilidade dos Estados Unidos, mas enfatizam a dependência logística, a resiliência institucional e a exposição geopolítica (ver Apêndice, Tabela A2). A divergência não reside na avaliação em si, mas nas perspetivas normativas através das quais a perturbação institucional é avaliada.

Os académicos e jornalistas enquadram predominantemente o declínio reputacional através de registos normativos e de legitimidade. A presidência de Trump é frequentemente caracterizada como um "retrocesso civilizacional", um período marcado por regressão democrática e erosão do poder brando. Os inquiridos destas áreas interpretam a comunicação populista orientada para o conflito — incluindo os ataques à imprensa, a deslegitimação das instituições eleitorais e a hostilidade perante as organizações multilaterais — como um fator que compromete a autoridade moral historicamente associada à liderança dos Estados Unidos. Neste caso, os danos reputacionais são atribuídos menos a resultados específicos de políticas e mais a uma rutura percecionada entre a conduta política norte-americana e as normas da democracia liberal.

A variação associada ao género estrutura novamente a interpretação. As inquiridas salientam a dignidade humana, as liberdades civis, a liberdade cultural e as consequências a longo prazo para a socialização democrática, enquanto os inquiridos do género masculino se concentram na diminuição da credibilidade, na instabilidade da governação e na menor capacidade dos Estados Unidos para exercer a chamada "liderança global".

Os inquiridos dos setores económico e turístico apresentam uma leitura mais instrumental da mudança reputacional, moldada pela exposição comercial quotidiana e não tanto por posicionamentos ideológicos. As avaliações deste grupo destacam o protecionismo, os conflitos tarifários e a imprevisibilidade regulamentar, com referências frequentes ao "protecionismo económico" e ao aumento dos "encargos fiscais sobre as importações" como fatores determinantes das perceções negativas. Ainda assim, mesmo neste setor de orientação pragmática, surgem ocasionalmente considerações éticas.

As inquiridas com percursos profissionais longos integram frequentemente a análise económica com preocupações sociais, sobretudo quando as políticas de imigração e as deportações afetam diretamente comunidades portuguesas. Os inquiridos do género masculino, pelo contrário, tendem a manter uma perspetiva estritamente utilitarista, tratando as tarifas e o protecionismo como riscos comerciais desprovidos de enquadramento moral. Este padrão sugere que a interpretação ética não se limita a áreas explicitamente políticas, emergindo também da proximidade experiencial a grupos vulneráveis afetados por decisões de política externa.

A experiência internacional diferencia ainda a profundidade, mas não o sentido, da avaliação reputacional. Os profissionais menos experientes recorrem a rótulos diagnósticos abrangentes, como "populismo", "isolacionismo" ou "instabilidade", refletindo

críticas difusas, mas consistentes, sem uma sequência causal articulada. Os respondentes muito experientes constroem explicações mais complexas, que relacionam a retórica unilateral, o confronto público com aliados, a deslegitimação das instituições diplomáticas e a volatilidade reputacional com alterações no posicionamento estratégico europeu. Esta gradação na sofisticação interpretativa indica que a perturbação reputacional é amplamente percecionada, ainda que seja explicada com diferentes níveis de densidade analítica.

No seu conjunto, estas perceções convergem numa conclusão central: a comunicação populista e conflituosa de Trump e a diplomacia pública confrontacional são entendidas como fatores que comprometeram a fiabilidade dos Estados Unidos enquanto ator institucional previsível na política internacional. Os danos reputacionais são, assim, enquadrados sobretudo como uma perturbação institucional e estratégica, com implicações para a confiança nas alianças, a credibilidade multilateral e as expectativas de uma liderança norte-americana consistente. Ao mesmo tempo, o raciocínio subjacente a este diagnóstico partilhado reflete formas distintas de experienciar e interpretar a democracia, a segurança e a vulnerabilidade económica no contexto português. Neste sentido, o declínio reputacional funciona não apenas como fenómeno geopolítico, mas também como catalisador de enquadramentos interpretativos diferenciados, moldados pela posição profissional, pelo género e pela literacia internacional.

4.2. Perceções na Amostra do Público: Desilusão Moral e Democrática

Os dados da amostra do público geral revelam um padrão de avaliação reputacional que acompanha a orientação crítica das avaliações da amostra de profissionais/especialistas, mas diverge significativamente na lógica subjacente. Os inquiridos do público geral manifestam uma profunda desilusão com os Estados Unidos durante a presidência de Trump, mas os seus juízos assentam sobretudo em expectativas morais, democráticas e humanitárias e não em cálculos estratégicos, institucionais ou de segurança. A evidência qualitativa aponta para uma perceção profundamente ambivalente, na qual a admiração pela inovação, cultura e liderança histórica norte-americanas coexiste com a preocupação perante um país cada vez mais visto como moralmente incoerente, politicamente instável e socialmente regressivo (ver Apêndice, Tabela A3).

Dois eixos de avaliação emergem de imediato do discurso do público: o primeiro diz respeito ao fracasso da liderança moral, expresso em formulações como "agir sem ética" ou "lucro acima das vidas humanas"; o segundo relaciona-se com o desrespeito pelo multilateralismo, traduzido em referências ao "desrespeito pelos aliados" e à "desconsideração das instituições internacionais". Em conjunto, estes temas apresentam os Estados Unidos não apenas como uma potência que age em função do seu próprio interesse, mas como um ator global que, na perceção dos inquiridos, abandonou as responsabilidades éticas tradicionalmente associadas à liderança.

Um tema dominante e transversal nas respostas deste público é a perceção de regressão democrática. Afirmações como "a democracia está a morrer", "transição para uma oligarquia" e "culto da personalidade" refletem a convicção generalizada de que as instituições políticas dos Estados Unidos foram enfraquecidas sob uma liderança populista.

O estilo comunicativo de Trump, marcado pela deslegitimação dos processos eleitorais, pelos ataques ao poder judicial e aos média e pela personalização da autoridade, é interpretado como um sinal de fragilidade democrática e não de força política. A retórica populista centrada no conflito é, assim, recebida não apenas como um estilo agressivo de governação, mas como evidência de degradação institucional sistémica e de normalização do discurso autoritário no quadro de uma democracia.

Os direitos humanos e a justiça social constituem um segundo eixo importante da avaliação reputacional do público geral. Os inquiridos referem frequentemente o "tratamento desumano dos imigrantes", o "racismo", as "políticas baseadas no ódio" e as restrições à autonomia reprodutiva. Estas avaliações revelam uma marcada orientação pela ética do cuidado, na qual a comunicação política interna e externa é interpretada através das consequências percecionadas para as populações vulneráveis. Os inquiridos mais jovens destacam-se particularmente neste registo, formulando preocupações relativas às políticas de imigração, à violência racial, à autonomia corporal e à erosão das salvaguardas democráticas. Os seus relatos são frequentemente emocionalmente intensos, mas atentos, do ponto de vista analítico, à experiência vivida e ao sofrimento humano. Nesta narrativa moral, a diplomacia pública confrontacional e as mensagens populistas internas convergem num único juízo ético: a liderança norte-americana é percecionada como tendo abandonado valores universalistas.

Um terceiro tema recorrente relaciona-se com as expectativas de responsabilidade moral na governação dos assuntos globais. Expressões como "egoísmo de Estado" ou "agir sem ética" sugerem que os Estados Unidos, sob a liderança de Trump, são percecionados como privilegiando o interesse unilateral, a coerção económica e o espetáculo interno em detrimento da responsabilidade global. Ao contrário da amostra de profissionais/especialistas, os inquiridos do público raramente invocam explicitamente a NATO ou a arquitetura institucional. Em vez disso, enquadram o declínio reputacional como uma traição à liderança moral por parte de uma potência historicamente admirada e não como uma recalibração dos compromissos estratégicos.

A variação demográfica aprofunda, mas não inverte, este diagnóstico global. Os inquiridos mais jovens e as mulheres tendem a colocar em primeiro plano os direitos humanos, a igualdade social e a proteção da democracia, enquanto os inquiridos mais velhos e os homens referem mais frequentemente a dominância geopolítica, o intervencionismo e o desrespeito pelos aliados. Os participantes entre os 35 e os 54 anos situam frequentemente as suas críticas numa leitura histórica mais ampla dos Estados Unidos enquanto potência hegemónica intervencionista, orientada pelo unilateralismo e pela coerção económica. As suas narrativas exprimem desilusão não apenas com Trump enquanto líder, mas também com um padrão mais prolongado de conduta global, caracterizado por sanções, tarifas e alianças instrumentalizadas.

O nível de escolaridade molda igualmente a profundidade interpretativa. Os inquiridos com ensino secundário personalizam frequentemente a atribuição de responsabilidades, centrando-se no temperamento, no caráter moral ou no apelo populista de Trump. Em contrapartida, os inquiridos com formação superior avançada formulam críticas estruturais, identificando a erosão democrática através da influência plutocrática,

da polarização judicial, do racismo sistémico e de uma política externa orientada para a dominância, em vez da segurança coletiva. Para este grupo, a solução reside menos na mudança de liderança do que na renovação institucional, na responsabilização multilateral e numa reorientação ética.

As diferenças de género são particularmente expressivas. As mulheres manifestam consistentemente uma preocupação acrescida com a injustiça social, a erosão democrática e as ameaças à autonomia corporal, introduzindo uma perspetiva de ética do cuidado que enfatiza o sofrimento amplificado pelas decisões políticas. Os homens, embora também críticos, enquadram mais frequentemente as suas avaliações em termos estratégicos, destacando o protecionismo económico, as relações comerciais, a estabilidade das alianças e a diplomacia coerciva. Estas diferenças não refletem juízos opostos, mas expectativas distintas quanto ao que a liderança global deve proteger: por um lado, a dignidade e os direitos humanos; por outro, a previsibilidade e a estabilidade.

É particularmente importante que muitos inquiridos do público geral distingam explicitamente Trump, enquanto líder individual, da sociedade norte-americana. Esta diferenciação indica que os efeitos de transbordamento reputacional não se traduzem numa rejeição total do país. Produzem, antes, uma desilusão condicionada. A admiração pela cultura, pelas pessoas e pelos contributos históricos norte-americanos persiste, apesar do declínio da confiança na liderança política e na integridade institucional. Este padrão sugere que a comunicação populista conflituosa pode prejudicar significativamente a reputação moral e democrática sem erodir por completo as reservas afetivas de poder brando acumuladas ao longo do tempo.

Em conjunto, as perceções do público indicam que a diplomacia pública confrontacional e a retórica populista interna durante a presidência de Trump se traduziram numa crise percecionada de legitimidade moral e democrática da liderança dos Estados Unidos nos assuntos mundiais. A crítica expressa não é meramente oposicionista, pois reflete uma profunda desilusão, enraizada na convicção de que um país dotado de um poder imenso deve também corporizar a responsabilidade moral, a coerência democrática e o respeito pelo bem comum global.

4.3. Síntese Comparativa das Duas Amostras: Transbordamento Específico do Líder e Volatilidade Reputacional

A justaposição das amostras de profissionais/especialistas e do público geral revela um padrão coerente, embora multidimensional, de perturbação reputacional associado à presidência de Donald Trump. Os inquiridos de ambas as amostras indicam, em geral, que a posição internacional dos Estados Unidos se deteriorou significativamente durante este período; divergindo, porém, nos enquadramentos interpretativos através dos quais compreendem esse declínio. Estas diferenças geram leituras complementares, e não contraditórias, da mudança reputacional.

Os inquiridos profissionais/especialistas concetualizam os danos reputacionais sobretudo em termos institucionais e estratégicos. As suas avaliações salientam a erosão

da confiança nas alianças, a desestabilização da cooperação multilateral e a crescente imprevisibilidade da conduta diplomática dos Estados Unidos. Com base na familiaridade profissional com as normas internacionais e a gestão de alianças, os profissionais/especialistas são particularmente sensíveis aos desvios relativamente às práticas institucionalizadas de política externa. Os danos reputacionais são, assim, enquadrados como incerteza estratégica, diminuição da credibilidade e aumento da pressão sobre a autonomia estratégica europeia, comprometendo a fiabilidade e a previsibilidade enquanto atributos centrais de um ator internacional estável.

Em contrapartida, os inquiridos do público geral interpretam a mudança reputacional através de perspetivas morais e democráticas. As suas avaliações dão prioridade aos valores, aos direitos, à dignidade e à responsabilidade ética, em detrimento da arquitetura institucional. A retórica populista centrada no conflito, a liderança personalizada e a diplomacia pública confrontacional são percecionadas como indicadores de regressão democrática e incoerência moral. Nesta perspetiva, os danos reputacionais decorrem menos de um desalinhamento entre políticas do que do abandono percecionado de princípios universalistas tradicionalmente associados à liderança dos Estados Unidos, como o respeito pelos direitos humanos e pelas normas democráticas.

Apesar destas diferenças, ambas as perspetivas convergem na imprevisibilidade enquanto custo reputacional central. Os inquiridos profissionais/especialistas associam-na ao risco estratégico e à fragilidade institucional, enquanto os inquiridos do público geral a interpretam como falta de fiabilidade moral. Ambos atribuem também o declínio reputacional sobretudo a Donald Trump enquanto líder, distinguindo-o da sociedade norte-americana e das tradições democráticas do país. Esta distinção sublinha a volatilidade e a natureza condicional dos danos reputacionais percecionados, entendidos como dependentes do estilo de liderança, das práticas comunicativas e da conduta política em curso e não como um atributo nacional permanente.

5. Discussão

Os resultados contribuem para a literatura sobre política externa populista, comunicação política centrada no conflito, diplomacia pública e reputação nacional, ao mostrarem como as perceções da liderança dos Estados Unidos são construídas de forma distinta entre o público geral e os profissionais/especialistas. Em vez de apontarem para uma resposta reputacional uniforme à segunda presidência de Donald Trump, os dados portugueses sugerem um processo mais diferenciado, no qual os mesmos sinais comunicativos e diplomáticos são interpretados através de quadros de avaliação distintos.

Foram identificados três aspetos particularmente relevantes: a circulação transnacional da comunicação política centrada no conflito enquanto sinal reputacional; a natureza seletiva do transbordamento reputacional do líder para o país; e as diferentes formas como o público em geral e os públicos profissionais/especialistas interpretam a perturbação reputacional.

5.1. A Comunicação Centrada no Conflito Como Sinal Reputacional Transnacional

A literatura científica concetualizou a "comunicação populista" como uma modalidade performativa da política, na qual a crise, o antagonismo, a emocionalização e a personalização são centrais para a construção do significado político (Moffitt, 2015; Moffitt & Tormey, 2014; Nai, 2021; Sorensen, 2021). Nesta perspetiva, o conflito não é apenas uma característica ocasional do discurso populista, mas parte da atuação política através da qual os líderes estabelecem visibilidade, autenticidade e uma relação direta com "o povo". A investigação sobre política externa populista alargou este argumento à arena internacional, demonstrando como a politização da política externa e a personalização da autoridade diplomática podem enfraquecer a mediação institucional e aumentar a volatilidade das relações externas (Destradi & Plagemann, 2024; Destradi et al., 2022; Wajner & Giurlando, 2023). Mais recentemente, estudos sobre "diplomacia de campeão" salientam, de modo semelhante, a crescente importância de atuações diplomáticas de elevada visibilidade, centradas nos média e disruptivas das normas (Eiran et al., 2025).

Os resultados aqui apresentados alargam este conhecimento, ao deslocarem a atenção da produção de comunicação centrada no conflito para a sua receção fora da arena política interna. Em ambas as amostras, os inquiridos interpretaram a retórica confrontacional e a conduta diplomática de Trump como sinais relevantes para a fiabilidade, a previsibilidade e a legitimidade dos Estados Unidos. Isto é particularmente evidente na amostra de profissionais/especialistas, na qual as referências à estabilidade das alianças, à NATO, à cooperação multilateral e à fiabilidade institucional indicam que o comportamento comunicativo foi interpretado não apenas como um estilo político, mas como informação sobre a conduta expectável dos Estados Unidos enquanto ator internacional. Entre os inquiridos do público geral, o mesmo padrão geral surgiu através de um vocabulário interpretativo diferente, mais centrado em temas como a democracia, a moralidade, os direitos humanos e a responsabilidade ética.

Este resultado acrescenta uma dimensão importante à literatura sobre a atuação política populista: se a comunicação centrada no conflito é concebida, em parte, para a mobilização política interna, os seus efeitos simbólicos não ficam necessariamente confinados à arena nacional. Num ambiente mediático global e híbrido, as atuações comunicativas podem circular transnacionalmente e tornar-se parte da informação através da qual os públicos estrangeiros interpretam as intenções e a credibilidade de um Estado (Chadwick, 2013; Mattoni & Ceccobelli, 2018). As respostas dos inquiridos portugueses sugerem, por conseguinte, que as consequências reputacionais podem emergir não apenas de resultados concretos de política externa, mas também da forma como a conduta diplomática é publicamente representada e interpretada. Embora isto não estabeleça uma relação causal direta entre a comunicação de Trump e as mudanças na reputação dos Estados Unidos, evidencia que os inquiridos relacionam o comportamento comunicativo e diplomático com juízos mais amplos sobre o país.

O contributo do presente estudo reside, assim, menos em estabelecer se a comunicação centrada no conflito produziu objetivamente um declínio reputacional do que em demonstrar como essa comunicação é incorporada nos quadros interpretativos que os públicos estrangeiros utilizam para avaliar a credibilidade nacional.

5.2. Da Crítica Centrada no Líder ao Transbordamento Reputacional Seletivo

Um segundo contributo diz respeito à relação entre a reputação de um líder político e a reputação do Estado que representa. A investigação existente sugere que a personalização da comunicação política pode tornar as imagens nacionais mais dependentes da atuação simbólica dos líderes individuais (Kertzer & Renshon, 2022; Street, 2019; von Sikorski, 2022). Do ponto de vista da diplomacia pública e do poder brando, esta questão tem particular relevância porque os líderes funcionam cada vez mais como representantes visíveis da identidade nacional, dos valores e da conduta em política externa. Quanto mais estreita for a associação simbólica entre o líder e o Estado, maior será a probabilidade de o líder influenciar as perceções sobre o país.

Os resultados sustentam esta relação geral, mas também a qualificam. As avaliações negativas em ambas as amostras foram frequentemente dirigidas pessoalmente a Donald Trump, incluindo o seu estilo de comunicação, o seu comportamento político e a sua abordagem às relações internacionais. Contudo, esta crítica centrada no líder não se traduziu sistematicamente numa rejeição total dos Estados Unidos. Os inquiridos do público geral, em particular, distinguiram Trump da sociedade, da cultura e de outras dimensões da imagem do país. As referências positivas à capacidade tecnológica, às universidades, à cultura e aos contributos históricos norte-americanos coexistiram com fortes críticas à conduta política e diplomática da administração de Trump.

Esta distinção é teoricamente relevante, porque sugere que o transbordamento reputacional não é necessariamente um processo de tudo ou nada. A política externa centrada no líder pode aumentar a vulnerabilidade da reputação nacional à conduta individual, mas os efeitos podem ser desiguais entre os diferentes componentes da imagem do país. A credibilidade política, a legitimidade democrática e a fiabilidade diplomática podem ficar estreitamente associadas ao líder em funções, enquanto a atração cultural e outras reservas de poder brando podem conservar alguma autonomia. Esta observação complementa a concetualização de "poder brando" de Nye (2019), enraizada na atração, nos valores e na legitimidade, e dialoga com a compreensão mais abrangente da "reputação nacional" de Anholt (2007, 2011), enquanto construção multidimensional moldada pela governação, cultura, população, política externa e outras fontes de identidade nacional.

A evidência portuguesa sugere, por conseguinte, que a relação entre liderança política e reputação nacional é mais bem compreendida como transbordamento reputacional seletivo do que como uma simples transferência reputacional. Um líder pode ficar fortemente associado à representação política de um país sem absorver por completo todas as dimensões da sua imagem internacional. Esta distinção ajuda a explicar por que razão os respondentes podiam manifestar simultaneamente uma forte desconfiança em relação à liderança de Trump e uma ligação continuada a aspetos da sociedade e da cultura norte-americanas. Este resultado introduz também uma nuance em investigações anteriores sobre as reações negativas à retórica de Trump e a sua relação com o sentimento antiamericano (von Sikorski, 2022). Embora os danos reputacionais possam ultrapassar a figura do líder, estes resultados indicam que importa considerar os limites dessa extensão. A ligação simbólica entre o líder e o país parece ser suficientemente forte para afetar as perceções de credibilidade institucional e de fiabilidade internacional, mas não necessariamente para apagar associações culturais e sociais consolidadas com os Estados Unidos.

5.3. Públicos Diferentes, Lógicas Reputacionais Diferentes

Um terceiro contributo emerge da comparação entre as amostras do público geral e dos profissionais/especialistas. A literatura sobre comunicação política e diplomacia pública reconhece frequentemente a importância da diferenciação dos públicos, mas estes resultados ilustram como os mesmos sinais reputacionais podem ser processados através de lógicas de avaliação substancialmente distintas.

Os inquiridos profissionais/especialistas tenderam a interpretar a perturbação reputacional dos Estados Unidos através de categorias institucionais e estratégicas. As suas respostas destacaram a fiabilidade das alianças, a NATO, a cooperação multilateral, a previsibilidade diplomática e as consequências do comportamento dos Estados Unidos para a segurança e a autonomia estratégica europeias. Estas interpretações são consistentes com a literatura que relaciona a política externa populista com a desintermediação institucional, a tomada de decisão personalizada e o aumento da incerteza nas relações internacionais (Destradi & Plagemann, 2024; Destradi et al., 2022; Wajner & Giurlando, 2023). Entre os inquiridos com maior experiência profissional ou internacional, a avaliação da mudança reputacional foi frequentemente integrada em explicações mais explícitas das consequências institucionais e do posicionamento internacional.

Em contrapartida, os inquiridos do público geral enquadraram mais frequentemente as avaliações reputacionais através de categorias morais e democráticas. As suas respostas referiram os direitos humanos, a imigração, a integridade democrática, a justiça social e a responsabilidade ética. Este padrão sugere que a reputação não é uma construção avaliativa única, interpretada da mesma forma por todos os públicos. O seu significado depende, em parte, das expectativas normativas que os públicos mobilizam para avaliar um ator internacional.

Esta distinção é importante, porque ultrapassa uma simples comparação entre as chamadas "elites" e o "público em geral". Embora a amostra de profissionais/especialistas deste estudo seja heterogénea e não deva ser tratada como uma elite sociologicamente homogénea, o contraste entre as duas amostras revela diferentes ênfases na interpretação da conduta dos Estados Unidos. A experiência profissional parece proporcionar um quadro no qual os problemas reputacionais são mais facilmente articulados em termos de fiabilidade institucional e consequências estratégicas, enquanto os inquiridos do público geral avaliam mais frequentemente a mesma conduta à luz de expectativas morais e democráticas.

Este resultado complementa, em vez de simplesmente reproduzir, as abordagens anteriores sobre poder brando e reputação internacional. Nye (2019) enfatiza a legitimidade e a atração, enquanto a investigação sobre narrativas estratégicas destaca a forma como estas estruturam as perceções internacionais (Roselle et al., 2014). A presente evidência sugere que estas dimensões não são necessariamente avaliadas segundo uma lógica comum a todos os públicos. O mesmo comportamento diplomático pode ser interpretado simultaneamente como um problema de fiabilidade estratégica por um público e como um problema de legitimidade moral por outro.

Esta diferenciação dos públicos ajuda também a explicar por que razão as avaliações reputacionais podem ser simultaneamente convergentes e heterogéneas. Ambas

as amostras expressaram críticas substanciais à liderança dos Estados Unidos, mas não atribuíram necessariamente o mesmo significado ao declínio reputacional. A convergência diz respeito, portanto, ao sentido da avaliação, enquanto a divergência se relaciona com os critérios através dos quais essa avaliação é construída.

5.4. Volatilidade Reputacional em Vez de Declínio Reputacional Uniforme

Em conjunto, os resultados sugerem uma compreensão mais matizada da volatilidade reputacional sob uma liderança populista personalizada. A literatura existente destaca a capacidade da política externa populista perturbar as expectativas diplomáticas, politizar as relações internacionais e aumentar a incerteza (Destradi & Plagemann, 2024; Destradi et al., 2022; Eiran et al., 2025). A evidência apresentada por este estudo indica que as consequências reputacionais desta perturbação não são uniformes nem necessariamente irreversíveis.

Em primeiro lugar, a deterioração percecionada da reputação dos Estados Unidos está fortemente associada à conduta do líder em funções, não sendo atribuída de forma uniforme à sociedade norte-americana. Em segundo lugar, diferentes públicos atribuem significados distintos à mesma deterioração percecionada. Em terceiro lugar, algumas dimensões da imagem do país parecem mais vulneráveis do que outras: a credibilidade institucional, a previsibilidade diplomática, a legitimidade democrática e a autoridade moral estão particularmente expostas à comunicação política centrada no líder, enquanto as fontes culturais e sociais de atração podem permanecer relativamente distintas da liderança política.

Este padrão proporciona uma concetualização mais diferenciada do transbordamento reputacional, em vez de encarar a reputação como uma perceção agregada única que melhora ou declina. Os resultados sugerem que a reputação nacional pode funcionar como um conjunto de dimensões simbólicas interligadas, mas parcialmente autónomas. Os líderes políticos podem influenciar fortemente algumas destas dimensões sem necessariamente determinarem toda a imagem internacional do Estado.

Esta interpretação acrescenta também nuances à relação entre poder brando e comunicação política. Se o poder brando depende, em parte, da atração e da legitimidade (Nye, 2019), a comunicação política confrontacional pode enfraquecer alguns dos seus fundamentos sem eliminar todas as fontes de atração. As consequências reputacionais da política externa populista poderão, assim, ser mais bem compreendidas como um processo de erosão seletiva: certas dimensões da credibilidade nacional tornam-se mais vulneráveis à personalização política, enquanto outras conservam maior resiliência institucional ou cultural.

5.5. Implicações Teóricas e Contributo

O contributo central deste estudo não consiste, portanto, apenas em mostrar que a comunicação populista centrada no conflito está associada a perceções negativas dos Estados Unidos. Essa proposição é, em termos gerais, compatível com a investigação

existente. A evidência portuguesa contribui antes com três aprofundamentos para a compreensão atual da política externa populista e da reputação internacional.

Em primeiro lugar, indica que a comunicação política centrada no conflito pode funcionar como um sinal reputacional transnacional. Os públicos estrangeiros podem interpretar atuações internas e diplomáticas de elevada visibilidade como informação sobre a fiabilidade e a legitimidade do Estado, alargando as consequências da atuação política populista para além do seu público interno original.

Em segundo lugar, os resultados sugerem que o transbordamento reputacional do líder para o país é seletivo e não completo. A personalização da política externa pode aumentar a associação entre um líder em funções e as perceções de credibilidade nacional, sem necessariamente eliminar outros componentes mais duradouros da imagem do país. Esta distinção é particularmente relevante para a investigação sobre *branding* político, poder brando e reputação nacional, pois sugere que diferentes dimensões reputacionais podem estar expostas à liderança política em graus distintos.

Em terceiro lugar, a comparação entre os respondentes do público e os profissionais/especialistas evidencia que a avaliação reputacional depende do tipo de audiência. Os mesmos sinais comunicativos e diplomáticos podem ser processados através de quadros institucionais e estratégicos ou de quadros morais e democráticos. Isto sugere que a reputação internacional não deve ser tratada exclusivamente como uma perceção agregada de um país, mas também como um processo interpretativo moldado pelas características e expectativas de diferentes públicos.

Em conjunto, estes resultados posicionam a volatilidade reputacional como uma consequência importante, mas multidimensional, da política externa populista personalizada. O caso português não estabelece um efeito causal da comunicação de Trump sobre a reputação dos Estados Unidos, nem fornece uma medida representativa da opinião pública portuguesa ou das comunidades profissionais portuguesas. Identifica, em vez disso, padrões recorrentes na forma como duas amostras não probabilísticas distintas interpretaram a liderança dos Estados Unidos durante a segunda presidência de Trump. Dentro destes limites, a evidência sugere que as consequências reputacionais da diplomacia populista são mais bem compreendidas através da interação entre comunicação, personalização do líder, interpretação dos públicos e estrutura multidimensional da reputação nacional.

6. Conclusão

O conflito simbólico gerado pela comunicação e pela liderança populistas não se limita à esfera discursiva, produz consequências tangíveis para a confiança, o poder brando e a influência internacional. Como argumenta Nye (2019), o poder de atração depende fundamentalmente das perceções de legitimidade e coerência normativa, dimensões particularmente vulneráveis à erosão da credibilidade institucional. Neste sentido, a comunicação populista não deve ser entendida apenas como um estilo retórico ou uma tática eleitoral, mas como um mecanismo de estruturação da produção de conflito que reconfigura as lógicas da diplomacia pública e transforma a reputação nacional num recurso instável e contingente.

Este artigo evidencia que o conflito inerente à comunicação populista e à diplomacia pública confrontacional de Donald Trump alterou significativamente as perceções externas dos Estados Unidos. Com base em evidência qualitativa original recolhida em Portugal, uma sociedade aliada historicamente pró-americana, o estudo mostra como a personalização populista da política externa extravasa as arenas internas e reconfigura a reputação internacional junto de públicos especializados e de massas.

Durante a segunda presidência de Trump, os inquiridos de duas amostras portuguesas não probabilísticas percecionaram uma deterioração da reputação internacional dos Estados Unidos, mas o significado atribuído a essa deterioração diferiu entre os inquiridos do público geral e os profissionais/especialistas. Além disso, o transbordamento reputacional pareceu estar fortemente centrado no líder, não se estendendo necessariamente à sociedade e à cultura norte-americanas.

Os inquiridos da amostra de profissionais/especialistas percecionam um declínio acentuado da fiabilidade dos Estados Unidos, do seu compromisso multilateral e da sua credibilidade diplomática. As suas avaliações centraram-se na perturbação institucional, na fragilidade das alianças e na imprevisibilidade da liderança norte-americana, salientando os danos reputacionais enquanto preocupação estratégica e procedimental. Em contrapartida, os inquiridos do público geral expressaram desilusão moral e democrática, enquadrando o comportamento dos Estados Unidos através dos valores da dignidade humana, da integridade democrática e da responsabilidade ética. É importante notar que muitos inquiridos do público geral distinguiram Donald Trump, enquanto líder individual, da sociedade norte-americana, indicando que o transbordamento reputacional foi específico do líder e não indiscriminadamente nacional. Apesar desta distinção, os inquiridos profissionais/especialistas e os do público geral convergiram na identificação de uma clara deterioração da posição internacional dos Estados Unidos.

Estes resultados indiciam que a personalização populista da política externa afeta não apenas o comportamento em situações de conflito e a prática diplomática, mas também os fundamentos simbólicos em que assenta a reputação nacional. Quando a política externa se torna visivelmente conduzida pelo líder, mediatizada e orientada para o conflito, a continuidade institucional perde a sua função amortecedora. A reputação nacional torna-se cada vez mais sensível à atuação comunicativa individual, expondo os Estados a uma maior volatilidade reputacional. Num ambiente de comunicação global caracterizado pelo imediatismo e pela visibilidade, o poder reputacional fica, assim, menos ancorado na confiança institucional acumulada e mais dependente da conduta, do tom e da credibilidade daqueles que falam em nome do Estado.

Para os países aliados, isto tem implicações significativas. A confiança na liderança global já não pode ser considerada estruturalmente estável nem protegida por alianças de longa duração. Pelo contrário, torna-se vulnerável às estratégias comunicativas e às práticas simbólicas dos titulares populistas do poder, mesmo na ausência de alterações radicais das políticas. O caso português ilustra como a perturbação reputacional pode ocorrer apenas através da comunicação, reconfigurando as expectativas de fiabilidade, autoridade moral e coerência democrática sem necessariamente desmantelar as alianças formais.

A investigação futura deverá alargar esta abordagem percetiva comparativa a outras sociedades aliadas e não aliadas, de modo a avaliar a generalização do transbordamento reputacional específico do líder sob lideranças populistas. É igualmente necessário aprofundar o estudo das trajetórias de recuperação reputacional após períodos de governação populista, em particular para determinar se a reposição da centralidade institucional restaura a confiança externa ou se persistem, ao longo do tempo, resquícios de perda moral e de credibilidade. Esta investigação é essencial para compreender as consequências a longo prazo da comunicação populista para a diplomacia pública e para a sustentabilidade da reputação internacional na política global contemporânea.

Tradução: Alexandre Duarte, Ana Filipa Joaquim e Alda Telles

Declaração Sobre a Utilização de Inteligência Artificial

Durante a preparação e revisão deste manuscrito, os autores utilizaram o ChatGPT-5 (OpenAI) para o aperfeiçoamento da linguagem. Todo o material gerado por inteligência artificial foi revisto criticamente pelos autores, que mantêm a total responsabilidade pelo conteúdo do manuscrito.

Referências

Anholt, S. (2007). *Competitive identity*. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9780230627727_2

Anholt, S. (2011). Beyond the nation brand: The role of image and identity in international relations. In A. Pike (Ed.), *Brands and branding geographies* (pp. 6-12). Edward Elgar. https://doi.org/10.4337/9780857930842.00027

Anholt, S., & Hildreth, J. (2010). *Brand America: The making, unmaking and remaking of the greatest national image of all time*. Marshall Cavendish Books.

Blassnig, S., Ernst, N., Büchel, F., & Engesser, S. (2018). Populist communication in talk shows and social media. A comparative content analysis in four countries. *Studies in Communication | Media*, *7*(3), 338–363. https://doi.org/10.5771/2192-4007-2018-3-338

Block, E., & Negrine, R. (2017). The populist communication style: Toward a critical framework. *International Journal of Communication Systems*, *11*, 178–197.

Bonansinga, D. (2020). Who thinks, feels. The relationship between emotions, politics and populism. *Partecipazione e Conflitto*, *13*(1), 83–106. https://doi.org/10.1285/i20356609v13i1p83

Chadwick, A. (2013). *The hybrid media system: Politics and power*. Oxford University Press.

Destradi, S., & Plagemann, J. (2024). Do populists escalate international disputes? *International Affairs*, *100*(5), 1919–1940. https://doi.org/10.1093/ia/iiae172

Destradi, S., Plagemann, J., & Taş, H. (2022). Populism and the politicisation of foreign policy. *The British Journal of Politics and International Relations*, *24*(3), 475–492. https://doi.org/10.1177/13691481221075944

Duarte, A. (2014). *A atração da educação: O impacto do estereótipo nacional na intenção de escolha do destino de estudo no contexto do ensino superior europeu: o caso de Portugal* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. RepositóriUM. https://hdl.handle.net/1822/29965

Duarte, A., Telles, A., & Joaquim, A. F. (2026). Trumpolicy- Between satire and suspicion: Effects of Donald Trump on America's reputation in Portugal. In A. V. Laskin (Ed.), *Trump's presidency and America's reputation: Global perspectives* (pp. 59–75). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003798132-7

Eiran, E., Ish-Shalom, P., & Kornprobst, M. (2025). Populism in international relations: Champion diplomacy. *Journal of International Relations and Development*, *28*(1), 80–104. https://doi.org/10.1057/s41268-025-00344-x

Esser, F., & Matthes, J. (2013). Mediatization effects on political news, political actors, political decisions, and political audiences. In H. Kriesi, S. Lavanex, F. Esser, J. Matthes, M. Bühlmann, & D. Bochsler (Eds.), *Democracy in the age of globalization and mediatization* (pp. 177–201). Palgrave. https://doi.org/10.5167/UZH-91254

Jagers, J., & Walgrave, S. (2007). Populism as political communication style: An empirical study of political parties' discourse in Belgium. *European Journal of Political Research*, *46*(3), 319–345. https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.2006.00690.x

Kertzer, J. D., & Renshon, J. (2022). Experiments and surveys on political elites. *Annual Review of Political Science*, *25*(1), 529–550. https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051120-013649

Lacatus, C. (2021). Populism and President Trump's approach to foreign policy: An analysis of tweets and rally speeches. *Politics*, *41*(1), 31–47. https://doi.org/10.1177/0263395720935380

Maly, I. (2019). New right metapolitics and the algorithmic activism of schild & vrienden. *Social Media + Society*, *5*(2), 1–15. https://doi.org/10.1177/2056305119856700

Mattoni, A., & Ceccobelli, D. (2018). Comparing hybrid media systems in the digital age: A theoretical framework for analysis. *European Journal of Communication*, *33*(5), 540–557. https://doi.org/10.1177/0267323118784831

Moffitt, B. (2015). How to perform crisis: A model for understanding the key role of crisis in contemporary populism. *Government and Opposition*, *50*(2), 189–217. https://doi.org/10.1017/gov.2014.13

Moffitt, B., & Tormey, S. (2014). Rethinking populism: Politics, mediatisation and political style. *Political Studies*, *62*(2), 381–397. https://doi.org/10.1111/1467-9248.12032

Mudde, C. (2007). *Populist radical right parties in Europe*. Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CBO9780511492037

Mudde, C., & Kaltwasser, C. R. (2017). *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/actrade/9780190234874.001.0001

Nai, A. (2021). Fear and loathing in populist campaigns? Comparing the communication style of populists and non-populists in elections worldwide. *Journal of Political Marketing*, *20*(2), 219–250. https://doi.org/10.1080/15377857.2018.1491439

Nai, A., & Martínez i Coma, F. (2019). The personality of populists: provocateurs, charismatic leaders, or drunken dinner guests? *West European Politics*, *42*(7), 1337–1367. https://doi.org/10.1080/01402382.2019.1599570

Nye, J. S. (2019). Soft power and public diplomacy revisited. *The Hague Journal of Diplomacy*, *14*(1–2), 7–20. https://doi.org/10.1163/1871191X-14101013

Reinemann, C., Aalberg, T., Esser, F., Strömbäck, J., & de Vreese, C. H. (2017). Populist political communication: Toward a model of its causes, forms, and effects. In T. Aalberg, F. Esser, C. Reinemann, J. Strömbäck, & C. H. de Vreese (Eds.), *Populist political communication in Europe* (pp. 12–28). Routledge.

Roselle, L., Miskimmon, A., & O'Loughlin, B. (2014). Strategic narrative: A new means to understand soft power. *Media, War & Conflict*, *7*(1), 70–84. https://doi.org/10.1177/1750635213516696

Sorensen, L. (2021). *Populist communication: Ideology, performance, mediation*. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-030-65756-7

Street, J. (2019). What is Donald Trump? Forms of 'celebrity' in celebrity politics. *Political Studies Review*, *17*(1), 3–13. https://doi.org/10.1177/1478929918772995

Visnovitz, P., & Jenne, E. K. (2021). Populist argumentation in foreign policy: The case of Hungary under Viktor Orbán, 2010–2020. *Comparative European Politics*, *19*(6), 683–702. https://doi.org/10.1057/s41295-021-00256-3

von Sikorski, C. (2022). Trump against Germany: Examining how news about Donald Trump's anti-German utterances affect anti-Americanism in Germany—A moderated mediation model. *The International Journal of Press/Politics*, *27*(1), 263–284. https://doi.org/10.1177/1940161220964773

Wajner, D. F., & Giurlando, P. (2023). Introduction to populist foreign policy (PFP). In D. F. Wajner & P. Giurlando (Eds.), *Populist foreign policy* (pp. 1–35). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-031-22773-8_1

Wehner, L. E. (2023). Stereotyped images and role dissonance in the foreign policy of right-wing populist leaders: Jair Bolsonaro and Donald Trump. *Cooperation and Conflict*, *58*(3), 275–292. https://doi.org/10.1177/00108367221108814

Wirz, D. (2018). Persuasion through emotion? An experimental test of the emotion-eliciting nature of populist. *International Journal of Communication*, *12*, 1114–1138.

Zarubin, D. (2023). The role of populist discourse in an agonistic model of conflictual political interaction. *Journal of Political Research*, *7*(3), 71–88. https://doi.org/10.12737/2587-6295-2023-7-3-71-88

Apêndice

A Tabela A1 mostra os padrões de resposta temática por área profissional, experiência internacional e género.

Variável	Tendências de resposta identificadas	Exemplos de segmentos codificados	Temas dominantes
Área profissional: diplomacia e defesa	Discurso analítico e estratégico centrado na cooperação internacional, com críticas intensas ao unilateralismo e ao afastamento transatlântico.	"Enfraquecimento da Aliança Atlântica"; "a presidência de Trump enfraqueceu a perceção de um parceiro fiável".	Relações transatlânticas; perda de fiabilidade; autonomia estratégica europeia.
Área profissional: academia e jornalismo	Enquadramento ético e institucional, com destaque para o autoritarismo, o declínio civilizacional e a redução do poder brando (*soft power*).	"Retrocesso civilizacional"; "declínio dos valores democráticos"; "diminuição do *soft power*".	Credibilidade moral; democracia; desinformação e populismo.
Área profissional: negócios e turismo	Ênfase nos impactos económicos e protecionistas, com avaliação moral limitada e perceção de instabilidade comercial.	"Tarifas"; "o protecionismo económico alimenta a ideia de que a cooperação é prejudicial"; "carga fiscal sobre as importações".	Economia e tarifas; instabilidade comercial; cooperação como risco.
Experiência internacional: > 10 anos	Discurso técnico e causal que articula dinâmicas internas e internacionais e contextualiza os impactos globais.	"A presidência de Trump enfraqueceu a perceção portuguesa (...), incentivando um europeísmo mais forte".	Estratégia europeia; multilateralismo; reconfiguração da NATO.

Experiência internacional: < 5 anos	Utilização de categorias abrangentes e moralizantes e de rótulos difusos como "negativo", "populismo" e "isolacionismo".	"Negativo"; "populismo"; "falta de democracia"; "isolacionismo".	Moralização política; instabilidade; crítica generalizada.
Género: feminino	Ênfase ética, humanitária e cultural, que privilegia a democracia, os direitos das minorias, a liberdade dos média e os direitos humanos.	"Declínio dos valores democráticos"; "restrições ao jornalismo e à cultura"; "retrocesso civilizacional".	Direitos humanos; liberdades civis; ética internacional.
Género: masculino	Foco na segurança, nas instituições e na geopolítica, com atenção à NATO, à imprevisibilidade estratégica e ao comércio.	"Dependência da União Europeia face aos Estados Unidos"; "agressividade e desrespeito pela Europa"; "tarifas".	Segurança europeia; NATO; política comercial.

Tabela A1. *Tendências de respostas por área profissional, experiência e género*

A Tabela A2 mostra os padrões interpretativos em relação à área profissional, experiência internacional e género.

Atividade + experiência + género	Tendência interpretativa	Exemplos de respostas/ segmentos	Categorias teóricas associadas
Diplomacia ou defesa > 10 anos — feminino	Avaliação crítica do unilateralismo, apoio ao reforço europeu e preocupações humanitárias.	"A presidência de Trump enfraqueceu a perceção portuguesa (...), incentivando um europeísmo mais forte"; "impacto na defesa europeia"; "enfraquecimento da Aliança Atlântica".	Relações transatlânticas; credibilidade moral; multilateralismo.
Diplomacia ou defesa > 10 anos — masculino	Análise estratégica centrada na segurança, com foco na NATO, na instabilidade e no risco geopolítico.	"Dependência da União Europeia face aos Estados Unidos"; "agressividade em relação à Europa"; "ameaça à NATO".	Política de defesa; volatilidade reputacional; segurança europeia.
Academia ou jornalismo > 10 anos — feminino	Forte enfoque ético e cultural, com destaque para as liberdades civis, a educação e a desinformação.	"Declínio dos valores democráticos"; "restrições ao jornalismo e à cultura"; "retrocesso civilizacional".	Credibilidade moral; populismo; direitos humanos.
Academia ou jornalismo > 10 anos — masculino	Avaliação institucional centrada na imprevisibilidade e na erosão da liderança global.	"Erosão da imagem de estabilidade"; "perda de confiança nos Estados Unidos"; "instabilidade na tomada de decisão".	Volatilidade reputacional; liderança global; política internacional.
Negócios > 10 anos — feminino	Avaliação económica com preocupação moral quando relacionada com a desigualdade ou os direitos dos migrantes.	"Tarifas"; "deportação de imigrantes portugueses"; "o protecionismo económico é prejudicial".	Economia política; direitos dos migrantes; cooperação económica.
Negócios > 10 anos — masculino	Interpretação pragmática, centrada nas tarifas e na imprevisibilidade comercial.	"Tarifas"; "carga fiscal sobre as importações"; "perda de confiança económica".	Política comercial; instabilidade económica; relações bilaterais.
Setores diversos < 5 anos — feminino	Discurso moral simplificado que identifica o declínio democrático sem uma explicação estratégica.	"Negativo"; "falta de democracia"; "retrocesso civilizacional".	Moralização política; desinstitucionalização; populismo.
Setores diversos < 5 anos — masculino	Crítica geopolítica e económica difusa, que repete conceitos abrangentes como "isolacionismo" e "guerra".	"Isolacionismo"; "tarifas"; "guerra"; "populismo".	Volatilidade política, nacionalismo económico e populismo.

Tabela A2. *Interação entre atividade, experiência e género*

A Tabela A3 mostra as dimensões da perceção da reputação internacional dos Estados Unidos e as características dos inquiridos.

Tipo de reputação afetada	Exemplos de expressões dos participantes codificadas	Género predominante	Nacionalidade	Residência em Portugal	Grupos etários predominantes	Nível de escolaridade predominante
Reputação democrática e Estado de direito	"Transição para uma oligarquia"; "a democracia está a morrer"; "totalitarismo de direita"; "colapso das instituições"; "culto da personalidade".	Maioritariamente feminino	Portuguesa (quase na totalidade)	Sim (100%)	45–54, 55–64, 65+	Mestrado + licenciatura
Reputação social e direitos humanos	"Tratamento desumano dos imigrantes"; "racismo"; "proibição do aborto"; "políticas baseadas no ódio"; "violações dos direitos humanos".	Predominantemente feminino	Portuguesa e não portuguesa	Sim	18–24, 35–44	Licenciatura + mestrado (alguns com ensino secundário)
Reputação moral e liderança política	"Trump é um narcisista", "um lunático", "estupidez no poder", "líder incompetente".	Equilibrado, mas mais feminino	Portuguesa	Sim	18–24 a 65+ (transgeracional)	Ensino secundário, licenciatura
Reputação diplomática e multilateral	"Polícia global"; "desrespeito pelos aliados"; "ignorar as instituições internacionais"; "ausência de multilateralismo".	Predominantemente masculino	Portuguesa	Sim	35–54, 55–64	Licenciatura + doutoramento
Reputação militar/ hegemónica	"Financiar genocídios"; "iniciar guerras"; "terrorismo de Estado"; "utilizar a guerra para obter lucro".	Predominantemente masculino	Portuguesa e não portuguesa	Sim	35–54, 55–64	Mestrado + licenciatura
Reputação económica e comercial	"Tarifas arbitrárias"; "*lobby* da indústria de armamento"; "protecionismo económico"; "capitalismo predatório".	Masculino	Portuguesa	Sim	35–54, 55–64	Licenciatura + doutoramento
Reputação científica/ tecnológica/ cultural (positiva + crítica)	Positivas: "líder tecnológico"; "universidades de nível mundial". Críticas: "propaganda de Hollywood"; "influência cultural tóxica"; "*soft power* manipulador".	Misto (sem padrão claro)	Portuguesa	Sim	18–44	Licenciatura

Reputação enquanto potência global responsável ou irresponsável	"Egoísmo de Estado"; "ausência de preocupação com o bem-estar global"; "agir sem ética"; "colocar o lucro acima das vidas humanas"	As vozes femininas enfatizam a moralidade; as masculinas enfatizam a geopolítica	Portuguesa e não portuguesa	Sim	25–64	Mestrado + licenciatura

Tabela A3. *Perceções dos Estados Unidos na era Trump — amostra de respondentes do público*

Notas Biográficas

Alexandre Duarte é doutor em Ciências da Comunicação (especialização em Comunicação Organizacional e Estratégica) pela Universidade do Minho, mestre em Comunicação e Imagem e licenciado em Marketing e Publicidade pela Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação. É professor na Universidade NOVA de Lisboa, investigador no Instituto de Comunicação da NOVA e professor convidado na Universidade Católica Portuguesa, onde coordena os cursos de pós-graduação em Comunicação e Criatividade Publicitária e *Service Design*. Trabalhou durante mais de 20 anos como *copywriter* criativo sénior em várias agências de publicidade multinacionais, incluindo TBWA, Saatchi & Saatchi, W/Brasil, Lowe&Partners e Ogilvy. Foi tutor na Young Marketers Academy do "EUROBEST Festival", CEO da RESTART — Instituto de Artes e Criatividade, e consultor da SUPERBRANDS Portugal. Desde 2023, é coordenador do Grupo de Trabalho de Publicidade da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2665-864X
Email: alexandre_arte@yahoo.co.uk
Morada: Av. de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa, Portugal

Ana Filipa Joaquim é doutora em Estudos Globais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, mestre em ensino de economia e contabilidade pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e licenciada em Marketing pelo Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação. Possui ainda especializações em Gestão e Administração e em Marketing e Publicidade. É professora adjunta convidada na Escola Superior de Tecnologia, Gestão e Design da Universidade Politécnica de Portalegre e leciona no Instituto Superior de Gestão e Administração de Santarém e na Universidade Politécnica do Tomar nas áreas de marketing, gestão, empreendedorismo e comunicação. É investigadora no Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade NOVA de Lisboa e no TECHN&ART da Universidade Politécnica do Tomar. A sua experiência profissional inclui a atuação nas áreas de vendas, marketing, publicidade, gestão de projetos e formação profissional. A sua investigação centra-se no populismo digital, na desinformação, na propaganda e na comunicação política, com particular interesse no papel das plataformas digitais e da inteligência artificial nos processos democráticos. É membro da Rede Académica do Centro Europeu de Estudos do Populismo e contribui para a coordenação do seu Grupo de Trabalho sobre Populismo Digital. É autora de *A Era do Populismo Digital: Como a Desinformação e a Propaganda estão a Transformar a Política*.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3419-1242
Email: afilipajoaquim@gmail.com
Morada: Campus Politécnico, n.º 10 7300-555 Portalegre, Portugal

Alda Telles é investigadora do Instituto de Comunicação da NOVA e professora de Comunicação Estratégica na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade Autónoma de Lisboa. É doutorada em Ciências da Comunicação (Comunicação Estratégica). Os seus principais interesses de investigação são a comunicação empresarial, as relações públicas, a comunicação política e a internet e a política. É coordenadora do Observatório do Populismo do Século XXI e membro do Observatório Social da Inteligência Artificial e dos Dados Digitais, bem como do Observatório da Comunicação Estratégica da Sustentabilidade. É membro de projetos de investigação financiados a nível nacional e internacional, nomeadamente o *PINBook PT: Redes de Interesse Político no Facebook Portugal* (2018–2021) e o *Projeto Nutriwellb*, financiados pela Comissão Europeia com um curso sobre verificação de factos em conteúdos digitais relacionados com nutrição e bem-estar (2022–2024). Tem uma carreira de 30 anos em relações públicas e comunicação empresarial.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5218-410X
Email: aldatelles@fcsh.unl.pt
Morada: Av. de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa, Portugal

Submetido: 24/01/2026 | Aceite: 26/10/2026

Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.